



## HISTÓRIAS CONECTADAS:

### Igualdade ou desigualdade de gênero na universidade, uma experiência em Angola

Connected stories: gender equality or inequality in the university, an experience in Angola

Helen Rose dos Santos<sup>9</sup>

#### Resumo

O objetivo deste artigo é compartilhar a experiência do trabalho de campo e a primeira parte dos resultados da pesquisa realizada em Angola, na cidade do Lubango, região sul de Angola, onde foram entrevistadas estudantes e professoras universitárias. A proposta da história oral foi utilizada como metodologia dialogando com as questões da memória e da formação universitária, na qual foram entrevistadas dez estudantes e docentes do Instituto Superior Politécnico Independente (ISPI). A pesquisa foi elaborada e aprovada para o edital *Programa Mobilidade Internacional Santander de Internacionalização com Inclusão: Mulheres na Pós-Graduação*, cujo tema geral foi Gênero e Universidade. Foram noventa e dois dias (maio a agosto de 2024) de mobilidade acadêmica, onde além da pesquisa, tive a oportunidade de participar de diversas atividades acadêmicas, como roda de conversa, palestras e dar aula para as turmas da graduação de alguns cursos.

**Palavras-chave:** Gênero, Identidade, Memória, Educação.

#### Abstract

The objective of this article is to share the first part of the results of the research carried out in Angola, in the city of Lubango, Southern region of Angola, where university students and professors were interviewed. The Oral History proposal was used as methodology dialoguing with the issues of memory and university education, in which eleven students and teachers from Independent Superior Polytechnic Institute (ISPI) were interviewed. The research was prepared and approved for the Santander International Mobility Program for Internalization with Inclusion: Women in Graduate Studies, whose general theme was Gender and University. There were ninety-two days (May to August 2024) of academic mobility, where in addition to research, I had the

<sup>9</sup> Termo utilizado para os grupos tradicionais que ainda moram nas aldeias, são pessoas que nasceram, habitam e vivem com os costumes considerados da tradição angolana.



opportunity to participate in various academic activities, such as conversation circles, lectures and teach undergraduate classes in some social science courses.

**Keywords:** Gender, Identity, Memory, Education.

## Introdução

Neste artigo busco refletir e compreender, a partir das entrevistas com discentes e docentes, mulheres universitárias angolanas, suas histórias de vida e os processos de integração na universidade em Angola. A partir desse recorte será possível analisar questões relevantes como a igualdade de gênero na universidade, dialogando também com a realidade de mulheres universitárias brasilerias, sobretudo mulheres negras e a conexão das relações raciais na universidade. Estar em Angola, na África, foi uma grande oportunidade para aprender mais sobre a diversidade da história do continente africano, a (re) conexão com o Brasil, considerando que a mobilidade acadêmica possibilita o desenvolvimento de um conhecimento que está além dos livros. Pois a pesquisa é fundamental para a produção de conhecimento e dados de qualidade, mas, também, acredito na integração dos saberes das pessoas que não estão na universidade e possuem uma sabedoria de vida para ser respeitada. Além de cumprir com a proposta da pesquisa, oportunamente conheci a cidade do Lubango e a região sul de Angola, anotando informações que podem contribuir para o contexto da pesquisa que aos poucos se estrutura. O tema gênero e feminismo está muito em voga no Brasil e, em outros países, mas um resultado preliminar da pesquisa mostrou a importância de diferenciar a experiência da mulher que mora na zona rural (aldeia), daquela que vive na zona urbana (Oyewùmí, 2021). Outra questão que também apareceu foi a importância da tradição familiar africana, o valor da maternidade (ter muitos filhos) e a religiosidade, seja ela cristã ou evangélica.

A base de formação da sociedade brasileira e do Brasil, como um país, está diretamente conectado à história do continente africano. Uma política educacional, que assume o compromisso na busca pela igualdade e equidade de gênero na universidade



e no enfrentamento às violências e discriminações, contempla a valorização das contribuições dos povos africanos e das populações afro-brasileiras (Domingues; Barbosa, 2021). Assim, é fundamental o enfrentamento ao racismo para a formação integral das pessoas, com o desenvolvimento de uma sociedade sem violência e mais empática, e, principalmente, com a equidade na garantia de direitos para todas as pessoas.

Igualdade de gênero refere-se à igualdade e garantia de direitos, responsabilidades e oportunidades das mulheres e dos homens (considerando a identidade de gênero), bem como, das meninas e meninos, em sua diversidade. Dessa forma, igualdade de gênero não é uma questão apenas das mulheres ou sobre o sexo feminino. É uma questão de direitos humanos que deve envolver todas as pessoas, igualmente e equitativamente, em toda a sua diversidade (Silva, 2023).

### Tão longe, Tão perto - trajetória até Angola – África

Angola é um país localizado no sul da África Ocidental, banhado pelo Oceano Atlântico, é o 7º maior país da África em extensão territorial e o 22º maior do mundo, com 1.247.000m<sup>2</sup>. A língua oficial é o português, mas o país possui mais de trinta línguas nacionais, entre elas o umbundu, kimbundu, kikongo. Com as etnias ovimbundu, nhaneca, mucubais e bakongo, entre outras. Possui 18 províncias, a maior é o Moxico, com 223.023 Km<sup>2</sup>, Bengo a província menos populosa, sendo Cabinda a única província exclave do país (separada do restante do território).



Reprodução *Google Maps*

Ainda que a presença portuguesa na região seja anterior, a colonização em Angola só começaria oficialmente em 1575. Dos cerca dos 12,5 milhões de africanos traficados para as Américas entre os anos de 1515 e 1865, estima-se que ao menos 5 milhões vieram ou passaram por Angola. Já a maioria dos africanos escravizados trazidos para o Brasil vieram de Angola. No seu processo histórico, Angola iniciou sua luta pela independência de Portugal a partir dos anos 1960, contudo, sua independência ocorreu apenas após a Revolução dos Cravos, em Portugal, que terminou por abdicar da política colonial. A independência angolana foi proclamada em 11 de novembro de 1975. Porém, logo após a independência, iniciou-se a Guerra Civil Angolana, entre os três movimentos independentista, a qual se estendeu até 2002 (Leite; Severo, 2016).

A escolha para ir ao município do Lubango, em Angola, começou durante a aula do prof. dr. Alessandro Soares da Silva, na disciplina sobre a teoria dos estudos



culturais, no meu primeiro semestre do mestrado em 2023. Tivemos uma aula online com as professoras do Instituto Superior Politécnico Independente (ISPI), Mariana Teixeira e Aida Nelson, da área da sociologia. Elas apresentaram suas pesquisas sobre a mulher angolana e a cultura tradicional das comunidades autóctones<sup>10</sup>. A partir dessa aula tive o interesse em ir para Lubango, cidade onde está localizado o ISPI, região sul de Angola, então, escrevi um projeto para o edital de *Internacionalização com Inclusão – Mulheres na Pós-graduação*, e fui aprovada.

Importante destacar que conhecer o trabalho das professoras angolanas foi possível porque o Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais, na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo ( EACH-USP), onde sou aluna do mestrado, faz parte da Rede Internacional em Estudos Culturais (RIEC), criada em 2021. Essa rede é uma associação internacional que integra mais de dez universidades, de cinco países (Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique e Portugal), com o objetivo de difundir o campo dos Estudos Culturais por meio do ensino, da investigação científica e de ações de intervenção, cultura e extensão junto a grupos e comunidades lusófonas. A iniciativa de constituição da rede teve origem em colaborações entre pesquisadores e instituições já existentes que permitiram institucionalizar a associação.

Assim, em junho de 2023, aconteceu em Angola, na cidade de Lubango, província da Huíla, o 3º Congresso da RIEC, com a participação de vários pesquisadores (as) brasileiros, entre eles a profa. Graziela S. Perosa e o prof. Alessandro S. da Silva, representando a EACH-USP. Essa interação tem possibilitado as bases para a cooperação institucional entre o ISPI e a USP, com convênio para dupla titulação e desenvolvimento de pesquisas acadêmicas. Um caminho para a tendência atual de cooperação Sul-Sul, para janelas de oportunidade para o desenvolvimento de outras metodologias de investigação das relações sociais e culturais.

<sup>10</sup> O mapa estatístico da instituição indica que as mulheres são maioria entre os estudantes, considerando o número de matrículas. O curso de Ciências da Educação e Sociologia são onde elas predominam. Observe essa informação conversando com a equipe do setor administrativo.



Foto: Equipe Comunicação ISPI, 2024

### Pulsar as memórias: novas possibilidades

A proposta da pesquisa para entrevistar as estudantes mulheres universitárias e docentes, se desenvolveu utizando a história oral e a importância da narrativa individual, mas que se conecta com o coletivo. E também o uso da memória na trajetória das mulheres até a chegada à universidade. Para isso utilizei o sociólogo Maurice Halbwachs (1990), que considera a memória como resultado de representações coletivas construídas no presente, que tinham como função manter a sociedade coerente e unida. Para ele a memória tinha apenas um adjetivo: era necessariamente coletiva. E, para a compreensão da memória numa perspectiva coletiva o autor fornecerá informações sobre o processo da construção da memória individual e a memória coletiva. Neste sentido, tal suporte auxiliará a entendermos como as lembranças tanto individuais quanto as coletivas são constituídas a partir do lugar que ocupamos. Ainda para ele a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, porque as nossas lembranças são sempre constituídas a partir



de um grupo, sendo que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva (p.51).

Já as questões que se referem a memória e a identidade social foram abordadas por Pollak (1992), pois, no que diz respeito a memória chama a atenção para certos acontecimentos em que o indivíduo não participou de determinado acontecimento, mas acabou se identificando com um certo grupo, o que ele denomina como “vividos por tabela”. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que no imaginário, tomaram tamanho relevo, que no fim das contas é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não (p.2).

Ampliando um pouco mais a sua perspectiva, no texto *Memória, esquecimento e silêncio* (1989), Michel Pollak apresenta o conceito memórias subterrâneas, uma forma de memória que está presente em nosso inconsciente, mas que não é acessada diretamente em nossas lembranças conscientes. É composta por elementos que foram reprimidos ou esquecidos, mas que continuam a influenciar a vida cotidiana e nossa relação com o mundo. A memória subterrânea pode ser, de acordo com o autor, uma forma de resistência contra a opressão, permitindo que essas lembranças sejam recuperadas e reinterpretadas de maneira a reconstruir a identidade e a história de grupos e comunidades marginalizadas. A memória, vista como um processo de construção e reconstrução contínua no presente, envolve tanto a lembrança quanto o esquecimento – este considerado uma forma de seleção e de construção da lembrança.

Portanto, sendo a memória seletiva, em parte herdada, um tanto construída e composta entre o individual e coletivo, ela sofre variações em função do momento em que é exposta ou articulada. O passado é um elo que conecta o indivíduo a si, a grupos e facilita a compreensão do ser em seus respectivos lugares. Para uma compreensão sobre esquecimentos e silêncios, vale destacar a disputa atual que ocorre pela memória de grupos historicamente excluídos das narrativas oficiais, dessa forma temos

Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade.



Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar portanto pelos processos e atores que intervém no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘memória oficial’, no caso a memória nacional (Pollak, 1989, p.4).

A experiência do campo e da pesquisa apontam para a importância da escuta de outras narrativas, o que é possível com a história oral, sendo um procedimento integrado a uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram de processos históricos ou testemunharam acontecimentos no âmbito da vida privada ou coletiva. Em seu texto Lucila Delgado destaca que

A história oral é um procedimento metodológico que busca pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas e consensuais. (2006, p. 15).

## Histórias de vida e educação

A mobilidade internacional possibilitou ampliar e desenvolver o interesse científico e social da produção de conhecimento sobre o continente africano, na perspectiva contemporânea, no caso, em Angola, que foi o país escolhido e contemplado com o tema indicados pelo edital: das relações raciais e igualdade de gênero. Dessa maneira, a proposta foi entrevistar mulheres angolanas universitárias e discentes do Instituto Superior Politécnico Independente (ISPI), localizado na cidade do Lubango, na província da Huíla, região sul do país.

O ISPI é uma instituição privada de ensino superior, que existe há treze anos e possui quase sete mil estudantes matriculados em diversos cursos, como Ciências da Comunicação, Ciências da Educação, Engenharia Informática, Ensino Primário, Finanças e Contabilidade, Gestão e Marketing, Informática e Gestão de Empresas,



Direito e Sociologia.<sup>11</sup> A instituição funciona em três períodos, manhã, tarde e noite e recebe estudantes oriundos da capital Luanda e de outras províncias.

As entrevistas aconteceram no período de junho e julho de 2024, todas as entrevistadas foram realizadas presencialmente, no Instituto Superior Politécnico Independente (ISPI). A pesquisa foi divulgada para diversos cursos do ISPI e o convite para que as estudantes e professoras participassem, considerando a disponibilidade de tempo e o calendário escolar. Não houve um critério específico para a escolha das entrevistadas. Também recebi uma autorização institucional para que pudesse circular pelo ISPI e conversar com as estudantes. Todas as entrevistadas assinaram a autorização do uso se imagem e áudio.<sup>12</sup>

**Quadro 1 – Entrevistas com as estudantes**

Entrevista estudantes	Entrevista 1	Entrevista 2	Entrevista 3	Entrevista 4	Entrevista 5	Entrevista 6	Entrevista 7
<b>Idade</b>	28 anos	52 anos	55 anos	51 anos	20 anos	20 anos	21 anos
<b>Estado civil</b>	Casada	Casada	Casada	Casada	Solteira	Solteira	Solteira
<b>Curso de graduação</b>	Sociologia	Sociologia	Sociologia	Sociologia	Ciências da educação	Ciências da educação	Ciências da educação
<b>Data da entrevista</b>	05/06/2024	12/06/2024	12/06/2024	12/06/2024	21/06/2024	21/06/2024	21/06/2024
<b>Tempo de duração</b>	21 minutos				14.12m		

**Fonte:** Elaborada pela autora, 2024

<sup>11</sup> Em conjunto com a pesquisa, também participei de diversas atividades na área da extensão universitária, com palestras, ministrei aulas, compartilhei a minha experiência no mestrado, interagindo com diversos estudantes e funcionários durante a mobilidade acadêmica.

<sup>12</sup> A autora é doutoranda em História e espaços pelo PPGH/UFRN, faz parte do grupo de pesquisa Espaços, Poder e Práticas sociais na linha de pesquisa História e Espaços do Ensino. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3062321994538159> e Email:ledaprofeema@gmail.com.

## Quadro 2 – Entrevistas com as professoras

Entrevista professoras	Entrevista 8	Entrevista 9	Entrevista 10	Entrevista 11
<b>Idade</b>	34 anos	38 anos	38 anos	38 anos
<b>Estado civil</b>	Casada	Solteira	Casada	Casada
<b>Área de atuação</b>	Psicóloga organizacional	Bióloga, investigadora doutoranda, profa. universitária	Economista, profa. universitária	Psicóloga, gestora social, profa. universitária
<b>Data da entrevista</b>	10/07/2024	26/07/2024	24/07/2024	25/07/2024
<b>Tempo de duração</b>				

**Fonte:** Elaborada pela autora, 2024

### As entrevistas

Quando falamos de narrativas orais, assim como de outros textos estéticos que se materializam com a palavra falada, estamos diante de um tipo de comunicação que encontra as raízes históricas nas chamadas sociedades de tradição oral, opostas das sociedades de tradição escrita. As sociedades africanas são sociedades de tradição oral, apesar de nelas ter sido introduzida a escrita alfabetica decorrente do contato com os árabes e os europeus. (2016, p.185).

Pode-se organizar o conteúdo das entrevistas em blocos de questões como educação, tradição e família, sendo os assuntos que mais aparecem nas narrativas, com as respostas a partir do roteiro elaborado para a entrevista.



Vale retomar que o objetivo principal da pesquisa foi compreender a inserção da mulher angolana na universidade, buscando os principais desafios para a formação no ensino superior e o sonho profissional a partir da educação formal.

Quando a pergunta é sobre os motivos de ir para a universidade predomina a resposta de ser a realização de um sonho, junto com a vontade para ter melhores condições de vida. A educação sendo vista como possibilidade de obter conhecimento e conseguir um trabalho melhor.

A entrevistada 6, que tem 20 anos, é da etnia *Ovimbundu*, de língua *Umbundu*, destaca que “educação é a base, com a educação a pessoa pode alcançar coisas incríveis, educado sabemos como tratar as pessoas”, também considera que atualmente há um equilíbrio no número de homens e mulheres na universidade. Quando o assunto é a maternidade, esta não considera que os filhos possam atrapalhar os estudos, porém, dá a mãe como exemplo:

Não atrapalha, tudo é questão de equilíbrio, não atrapalha em nada. Tenho como exemplo a minha mãe. Mas, o número de filhos pode atrapalhar, minha mãe teve sete filhos, por parte de pai, são 11 filhos. Minha mãe não conseguiu fazer universidade para poder cuidar dos filhos. Priorizar os estudos dos filhos.

Uma questão que apareceu em todas as entrevistas e em conversas com pessoas da universidade e fora dela, foi a importância e o valor da tradição angolana, junto com os valores e princípios africanos. E o que seria isso? O momento da saudação quando encontramos uma pessoa, o cuidado com os idosos, respeitar a vida, abaixar a cabeça no momento de passar pelos mais velhos. Além disso, a explicação sobre a importância da maternidade e dos filhos como a herança e riqueza da humanidade, assim quanto mais filho melhor.

Outro ponto que chama a atenção é a explicação sobre o casamento, com a simbologia do fungo e da galinha, onde ela explica:



temos aqui em Angola, depois do casamento, a mulher vai ter que cozinhar para a família do homem, um dia após o casamento, descobri porque cozinharam o pirão e a carne de galinha, para a família e o marido, com o qual vamos estar a partir desse momento. Eles cozinharam o pirão/funge que é do fuba de milho, porque a mulher é a fuba e o homem é a água, uma vez que a mulher cozinha o pirão que é usando a água, a fuba, quer dizer que a mulher e o homem estão unidos para sempre, não dá para separar, o que separa é a morte. Porque se você pegar o fungo ou o pirão e colocar na água para tentar desfazer ou separar, estraga tudo. Então, quando eles estão juntos há harmonia, alegria e amor, já se tentar separar já não é uma boa coisa. E diz-se que cozinha a carne de galinha porque é uma carne que tem muito sabor, a mulher vai cozinhar a carne e o pirão, para saber que em casa não vai faltar alimento, que a comida será de qualidade, não vão estar desnutridos. No prato do homem tem que ir a cabeça, chamamos de longondjo, a perninha da galinha, porque o homem é a segurança, a segurança na sua casa, a proteção para os filhos e para a mulher. Já no prato da mulher, vai o coração e o fígado, a moela, porque a mulher é o amor, a mulher é a harmonia, o afeto, a ligação. A mulher que vai gerar os filhos para esse casal.

Em todas as narrativas a importância do casamento é um destaque na vida de todas, mesmo daquelas que ainda não tem filhos, dizem que recebem os ensinamentos dos mais velhos logo no início da adolescência, principalmente no ritual de iniciação denominado de *Efiko*. Esse ritual é antes da primeira menstruação, a menina, recebe todas as orientações sobre o casamento, como se comportar com o marido, cuidados com a casa e consequentemente a maternidade.

A pergunta sobre feminismo e empoderamento da mulher, foi respondida por todas como importante, porém, que a luta por igualdade de direitos não deve atrapalhar a tradição. E que deve-se considerar as diferenças entre as mulheres que moram na zona rural daquelas que estão morando na zona urbana. Consideraram que a tradição angolana da família e da maternidade ainda é muito forte e presente na zona rural (aldeia), mas quando olhamos para a zona urbana, nota-se a diferença no comportamento da mulheres. Como exemplo a maneira de se vestir



Manter a tradição morando na zona urbana, em certos aspectos é difícil, vivemos influenciados por outros países. Exemplo, a forma de vestir, a forma de vestir querendo ser europeia ou brasileira, pode ser escandalizadora, pode ser complicado. É o que mais mudamos em nós.

Vale sublinhar que todas as entrevistadas sabem sobre a sua origem e etnia, mas não falam nenhuma língua nacional. Reconhecem a importância da tradição linguística, mas que por vários motivos não aprenderam, apesar dos pais e mais velhos falarem em casa.

O que fica de destaque até aqui é o papel da mulher na região sul de Angola, onde os papéis do masculino e feminino estão definidos, como uma mulher deve se comportar e o que fazer principalmente depois do casamento. Porém, nota-se que as experiências globais contemporâneas do contexto colonial/pós-colonial desde o último quartel do século XX, estão abrindo espaços para a reflexão sobre a organização social da família e dos gêneros.

### Considerações finais

A experiência e vivência proporcionada pela mobilidade acadêmica com certeza foi muito especial por diversos motivos, talvez o principal foi começar a entender a (re) conexão de Angola e Brasil, não apenas pelo processo histórico da escravização de pessoas africanas. Os nossos laços não feitos apenas pela dor e sofrimento, estamos em um mais momento da produção acadêmica de rever, reler e reescrever o passado da sociedade brasileira. Ampliar o nosso olhar para valorizar e respeitar os povos africanos que também formaram grande parte da população brasileira.

Esta pesquisa mostrou a importância da tradição, da família e da educação na composição da sociedade angolana, destacando que as mudanças acontecem, porém,



algo da tradição precisa ser mantida, mesmo com o desafio da globalização e da comunicação através das plataformas digitais.

A importância do debate sobre as questões do empoderamento da mulher, do feminismo, da luta contra a violência, a busca por melhores condições de vida, a educação como uma forma de acessar o conhecimento que proporciona uma sociedade mais justa. Essas questões apareceram em todas as narrativas, foi apenas um recorte, mas que já nos indica o quanto ainda precisamos conhecer sobre o continente africano.

## Referências

ANGOLA, Ministério do Ensino Superior; Instituto Nacional de Estatística. **Anuário Estatístico do Ensino Superior ano 2015**. Instituto Nacional de Estatística - República de Angola. Luanda: Gabinete de Estudos, Planeamento e Estatística, 2<sup>a</sup> Edição, setembro de 2015.

AZEREDO, Sandra. Teorizando sobre gênero e relações raciais. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, número especial, v.2, n.2, p.203-216, 1994.

BUFFA, Diego; BECERRA, María José. Angola: a 45 años de su independencia. Alianzas, disputas y encrucijadas en su proceso de liberación colonial. In: BUFFA, Diego; BECERRA (orgs.). **África diversa**. Cuestionando los estereotipos. Casa África, 2020.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COSTA, Ana Alice; SARDENBERG, Cecília. Teoria e práxis feminista na academia: os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, número especial, v.2, n.2, p.387-400, 1994.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DOMINGUES, Petrônio; BARBOSA, Francisco José. (orgs.). **África e Brasil: fluxos e refluxos**. Aracaju (SE): Criação Editora, 2021.

GILROY, Paul. **O atlântico negro**. São Paulo: Editora 34, 2001.



HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação UNESCO no Brasil, 2003.

KI-ZERBO, J. História Geral da África. Brasília: Unesco, 2010

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação.** Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEITE, Ilka B.; SEVERO, Cristine G. (orgs). **Kadila:** culturas e ambientes. Diálogos Brasil-Angola. São Paulo: Blucher, 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: [UNESCO Digital Library](#). Acesso em: 19/09/2023.

OYEWUMÍ, OYERÓNKE. **A invenção das mulheres.** Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PANJOTA, Selma (org). **Leituras cruzadas sobre Angola: saberes, culturas e políticas.** Volume 2/ organização. Jundiaí (SP): Paco, 2019.

PATAI, Daphne. Construindo um eu: uma história oral de mulheres brasileiras. In: **História oral, feminismo e política.** São Paulo: Letra e Voz, 2010.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. História oral e poder. **Mnemosine**, v.6, n.2, p.2-13, 2010.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria (org.). **Depois da utopia:** a história oral em seu tempo. São Paulo: Letra e Voz, 2013.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi; KARNOOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **O que são os estudos culturais hoje?** Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

SILVA, D.A.S. Na cobertura da retaguarda: mulheres angolanas na luta anticolonial. **Afro-Ásia**, n.68, p. 252-294, 2023.



SILVA, Eugénio Alves da. Tradição e identidade de género em Angola: ser mulher no mundo rural. **Revista Angolana de Sociologia**, n. 8, p. 21-34, 2011.

SILVÉRIO, Valter Roberto; HOFBAUER, Andreas; KAWAKAMI, Érica Aparecida; FLOR, Cauê Gomes. (orgs). Diáspora africana: caminhando entre genealogias, abrindo novos horizontes. **Contemporânea. Revista de Sociologia** da UFSCar, v.10, n.3, set/dez. 2020, p.875-876.

TEIXEIRA, Mariana. Mulheres, violência e acesso: Que empoderamento? Cartografia da mulher angolana. Instituto Superior Politécnico Independente (ISPI), 2022.